

Intervenção de Carlos Carujo na apresentação da candidatura autárquica do BE Sintra

Queluz, 8 de Abril de 2017

Boa tarde a todas e a todos!

Quero começar pelo mais importante: prestar homenagem à Rosinda Beltrão e ao Vítor Pulido, autarcas do Bloco de Esquerda aqui na Freguesia de Queluz e Belas falecidos durante este mandato.

Saberemos respeitar a sua memória, continuar o seu trabalho, tentando igualar o seu empenho e gosto pela nossa terra.

A política que fizeram é também o compromisso que vos trazemos: o combate à resignação, ao conformismo...

“A gente é previdente cala-se e mais nada

A boca é pra comer e pra trazer fechada

o único caminho é direito ao sol

No meu país não acontece nada”

A voz poética sublinha-nos o inconformismo como ponto de partida porque não há caminhos únicos e porque a boca serve para muito mais que comer e trazer fechada. Sabemos que no nosso país acontece muito mais do que nada quando nos juntamos para fazer.

A questão é, portanto, como sair do sentimento de que estamos condenados na melhor das hipóteses ao menos mau? Ou, para ser mais preciso, como fazer acontecer alguma coisa em Sintra?

Sintra, na sua diversidade, é um espelho do país e os seus problemas não são pequenos:

- temos uma zona rural abandonada; daquelas em que vão

fechando serviços essenciais por não serem rentáveis como é agora o caso da intenção de encerrar a Caixa Geral de Depósito em Colares;

- temos uma zona turística disneylandizada, focada no consumo rápido sem criação de emprego de qualidade e com pouca ligação à economia local;

- temos uma zona suburbanizada e degradada com deficit de equipamentos culturais e desportivos e de espaços públicos.

Para tentarmos perceber as respostas políticas a estes problemas com que nos debatemos, olhemos em primeiro lugar para os dois grandes momentos que os candidatos do centrão à Câmara de Sintra escolheram para aparecer nos meios de comunicação social nacional.

Setembro de 2015. Marco Almeida, recordando uma rábula antiga, decide passear na vila de burro. A sua acção, contudo, não visava os inúmeros problemas de mobilidade do concelho, o seu alvo era outro: protestava contra a ausência de carros de serviço da Câmara ao seu dispor. Simbolicamente, na data escolhida, também não havia burros disponíveis para alugar e Marco Almeida ficou apeado, tendo de adiar o seu número mediático.

Assim foi a sua candidatura anterior: Marco Almeida depois de 12 anos de poder, vê-se apeado do lugar de candidato da direita, divide o seu espaço político, chega atrasado à cidadania independente e perde as eleições para um candidato que parecia ser pouco popular nas hostes socialistas.

Assim parece ser a sua candidatura actual: Marco Almeida passa agora a liderar a coligação das várias direitas mas é uma candidatura em que ninguém se entende: o CDS local não quer, o PSD nacional não gosta, os independentes chateiam-se porque descobriram que afinal a sua independência vale menos do que o cálculo eleitoralista.

Honra lhe seja feita, nesse caminho fez algo inovador: um movimento de cidadãos egocêntrico: é tudo atrás e Marco Almeida

à frente a montar o seu burro, é tudo a sonhar com Marco Almeida à frente a montar o burro e os sintrenses atrás todos a seguir em procissão.

Segundo momento: Setembro de 2016.

Basílio Horta salta para a frente do palco da política nacional indignado. Alerta que “a radicalização do PS” conduzirá à miséria e confessa que “obviamente” não gosta da geringonça.

Imaginamos todas e todos porquê.

Razão desta indignação? Ficou “perplexo” com o aumento do IMI para os mais ricos. No calor da indignação perante tamanha injustiça chega a afirmar que em Sintra isso não se ia aplicar. Só que, desilusão do movimento “salvem os ricos”, parece que o escândalo e a convocatória à desobediência civil ficaram por aí. Encontra-se também todo um simbolismo nesta sua intervenção: um homem pode até sair da direita mas é mais difícil a direita sair dele. E Basílio Horta está mais à vontade acompanhado pelos patrões e pelos mais ricos do que ao lado das lutas dos trabalhadores e das trabalhadoras, dos desempregados, dos reformados. São escolhas e as nossas são diferentes.

Os projectos políticos do centrão têm, no fundo, como resposta aos problemas profundos dos munícipes duas formas de presidencialismo: o presidencialismo do “gestor” e o do “falso independente participativo”.

Basílio Horta assume-se como um “gestor público” e gaba-se dos resultados obtidos. Como gestor tem olhado para Sintra como para uma folha de excel: poupou no investimento na altura da maior crise que o país conheceu na sua história recente, meteu o dinheiro no banco a render para depois aplicar em vésperas de eleições. Claro que o gestor rigoroso dos dinheiros dos contribuintes não se esqueceu de, na recta final do mandato, aumentar as despesas em “comunicação e imagem”, dirão as más-línguas em publicidade e propaganda, em 79,8% porque o cálculo final do gestor é a vitória

eleitoral. São escolhas e as nossas são diferentes.

Por sua vez, Marco Almeida pretende construir a imagem do “independente participativo”. Faz parte de uma nova leva de candidatos e candidatas que descobriu a paixão dos movimentos independentes só quando foram preteridos nas escolhas dos seus partidos.

E, assim, Marco Almeida reinventou-se passando da obsessão pelas empresas municipais falidas onde enterrou tanto dinheiro para um suposto furor do orçamento participativo. É sempre interessante quando se descobre a prioridade participativa depois de passado tanto tempo no poder... Mas até aí nada mal. Seja bem-vindo quem vier por bem mesmo que atrasado.

O problema é que a sua postura é significativa de uma captura, cooptação, normalização e esvaziamento do discurso e das práticas participativas nas autarquias. Depois de anos a pregar no deserto sobre isto, o Bloco vê-se agora acompanhado dos presidencialistas que utilizam a participação como flor para meter na lapela. E um dos desafios presentes à esquerda é dar resposta a esta tendência através da criação de práticas de participação popular autênticas que não passam certamente por ter os sintrensos atrás de Marco Almeida (com ou sem burro, consoante ele o consiga alugar).

O gestor político e o independente dependente são as máscaras da politiquice tradicional. Pode-se ser dependente 12 anos, independente 4 e depois aparecer numa posição ambígua; pode-se ser do CDS sendo do PS ou vice-versa ou não se sabe bem o quê; governe-se é sempre com respeitinho dos interesses dos mais poderosos e sempre a pensar na eleição seguinte. Basílio é a direita que só faz de conta que é de esquerda para ter mais votos. Marco Almeida é a direita que ora é independente para ter mais votos ora não se importa de deixar de o ser para somar mais uns quantos.

Os presidencialistas são esses homens que prometem mundos e fundos e se apresentam como providenciais, como a única solução para todos os problemas do município. Contra eles, aqui estamos para fazer o contrário de afirmar protagonistas que prometam maravilhas. Aqui estamos para defender uma candidatura colectiva de gente comum e de apelo à genuína mobilização popular.

Foi a mobilização popular que mandou outra vez para a gaveta o projecto da chamada cidade Sonae (um projecto de mega-centro comercial e de urbanização no fim do IC19 e já à beira da serra) quando Basílio achava que não se podia travar por causa, espantemo-nos, das receitas que iria gerar para os cofres da autarquia. O presidente-excel teve de recuar mas não se sabe por quanto tempo.

Foi a mobilização popular que soube colocar em causa o abate de árvores no Parque Natural de Sintra-Cascais quando o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas primeiro marcou as árvores para abate e só depois, quando foi descoberto, apresentou as suas justificações. A pressão fez com que ICNF jurasse que afinal vai rever o processo e está aberto a sugestões das associações. Cá estaremos para ver.

É esse mobilização popular que falta quando a serra da Carregueira é, mais uma vez, ameaçada pela pressão urbanística associada à expansão do condomínio fechado. Mas cá estamos certamente para dizer a André Jordan e a Basílio Horta que a Serra da Carregueira não é nenhum “Lisbon Green Valley” nem muito menos é o seu jardim privado.

É para convocar essa mobilização popular urgente nesta e em tantas outras frentes que aqui nos reunimos.

O Bloco de Esquerda tem estado a trabalhar em todos estes momentos humildemente e não fazendo cálculos. Porque o Bloco

de Esquerda é a esquerda que é esquerda, a esquerda que só pode ser solidariedade, inclusão, educação plena, fruição livre da cultura.

Face à omnipresença do discurso mítico do empreendedorismo, aqui estamos para fazer de Sintra a capital solidária do cooperativismo, batendo-nos pela criação emprego sustentável e estável.

Face à onnipotência do transporte privado, às vidas entaladas no IC19 e aos problemas de mobilidade do concelho, aqui estamos para exigir serviço de transportes públicos de qualidade, melhoria da rede e de horários. Porque em muitas zonas do concelho de Sintra é mais provável encontrar um ovni do que um autocarro da Scotturb a partir das oito e meia da tarde. Serviço Público de transportes? Em que realidade vivem eles para acharem isto aceitável?

Face ao turismo-negócio que transforma os monumentos e sítios à imagem daquele concurso de outros tempos em que se tentava bater o *record* de enfiar o maior número possível de pessoas num mini; que reduz a vila a trajecto dos tuk-tuk; que está mais ao serviço de interesses alheios ao município do que dos seus cidadãos, um turismo de consumo rápido, uma economia de pouca criação de emprego, de precariedade e de baixos salários, de produtos genéricos, de baixo valor acrescentado, incapaz de criar desenvolvimento local sustentado... Aqui estamos para defender o património e o turismo enquanto direitos e para dizer que há muito mais património no município de Sintra do que aquele que consta nos roteiros oficiais, que é preciso valorizar e defender.

Face à urbanização desenfreada, aqui estamos para defender uma política de betão zero e mesmo de tentativa de recuperação de espaços para uso agrícolas porque precisamos tanto de menos Basílios e de mais hortas!

Face à cidade produtora e reprodutora de desigualdades, aqui estamos para defender justiça social activa e uma dessuburbanização que ajude a reparar a cidade que a ganância construiu cinzenta depois de anos de crescimento urbano caótico. É preciso um processo de reabilitação urbana que não seja comandado pelas leis do lucro, que não esteja pensado apenas para os grandes proprietários. Um processo de reabilitação urbana que não esqueça as casas que mais precisam de ser reabilitadas. É preciso não esquecer que a dívida ao banco é muitas vezes para a vida toda mas a casa que se comprou não dura assim tanto. Um processo de reabilitação urbana que não desdenhe a segurança sísmica como este faz. Um processo de reabilitação urbana que não seja um pretexto para aumentar rendas ou até expulsar os arrendatários actuais. Um processo que apoie a reabilitação mas implique em troca habitações para arrendamento a preços justos, que defenda o arrendamento social e o arrendamento jovem. Tanta gente sem casa, tanta casa sem gente.

Face ao alheamento político, ao desenraizamento, ao cinzentismo, aqui estamos para reiterar a cada momento que só a participação popular pode ser transformadora. Vivemos num município em que o presidente de câmara actual foi eleito com apenas 10,8 por cento dos votos dos eleitores inscritos. E nós não nos resignamos, queremos mais.

Termino portanto regressando ao ponto de partida: na vila turistificada, na aldeia esquecida, na cidade dormitório, queremos-nos sonolentos, distraídos, desenraizados, atomizados e conformistas. Os negócios poderia assim continuar a acontecer sem sobressaltos de maior, a participação podia ser assim reduzida a um mini-concurso de ideias, os espaços verdes podiam ser pensados assim apenas como os quintais que valorizam as urbanizações, a cultura podia continuar a ser assim apenas entretenimento ligeiro para o povo sempre reduzido a espectador

(da cultura como da política) e algo diferente para as elites. Esta candidatura é um convite a ir mais longe e a fazer acontecer algo. Fazer acontecer.

E Ruy Belo bem que podia interromper mais uma vez para nos socorrer através da linguagem poética.

Ele que escreveu:

“O que é preciso é dar lugar aos pássaros nas ruas da cidade”

Dar lugar aos pássaros, aquilo que desajeitadamente tenho chamado dessuburbanizar pode ser melhor traduzido assim. Dar lugar aos pássaros nas ruas da cidade, dar lugar à liberdade, à participação, à criatividade, criar lugar, praça pública, igualdade no encontro das diferenças.

Chegado ao fim da minha intervenção, confesso que tenho a consciência que esta deixou muito por dizer. Porque tinha de ser mesmo assim. Porque uma candidatura destas só faz sentido se soubermos escrever em comum nesses espaços em branco. Fazer lugar dando lugar ao comum.

Daqui para frente, começamos um processo de construção programática participativa. Queremos pensar Sintra em comum. Porque queremos uma candidatura de gente comum, construída em comum que consiga reunir todas as forças possíveis para lutar pelo bem comum.